

VIOLÊNCIA E PATRIARCADO COMO FACES LITERÁRIAS DE UMA PEDAGOGIA DA CRUELDADE NA AMÉRICA LATINA

Michele Freire Schiffler*
miletras@yahoo.com.br
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O presente artigo visa a discutir, a partir da crítica decolonial, as marcas da violência patriarcal legadas pelo processo colonial como uma constante em obras de escritoras latino-americanas. Para tanto, pretende-se empreender a análise da representação do feminicídio em três obras literárias de autoras contemporâneas: *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo; *Romance Negro com Argentinos*, de Luisa Valenzuela; e *Jamais o Fogo Nunca*, de Diamela Eltit. A leitura crítica das obras demonstra que a violência exercida sobre o corpo feminino desde o processo de conquista incidiu determinantemente em marcas de uma pedagogia da crueldade (Segato, 2018) que reverbera na reprodução da violência de gênero no contexto sociocultural da América Latina. O trabalho conta com suporte teórico dos feminismos de política decolonial (Vergès, 2020) e indica que a literatura de mulheres latino-americanas atua como forma possível de contra-pedagogia da crueldade, na forma de denúncia ou protesto.

Palavras-chave: Violência de gênero. Feminicídio. Patriarcado. Decolonialidade. Literatura feminina latino-americana.

1 Introdução

As marcas da colonialidade se fazem sentir no cotidiano de milhares de latino-americanos, em especial, mulheres racializadas que convivem diariamente com violência, seja ela física ou simbólica. Ao pensar a literatura produzida por mulheres, em especial na América Latina, tais marcas também se inscrevem na representação de seus corpos. A crueldade perpetrada pelo crime de ódio do patriarcado, o

* Possui graduação em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Federal de São Carlos (2002) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (2006). Doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (2014), atualmente é pesquisadora no Núcleo de Estudos e Pesquisas Africanidades e Brasilidades (NAFRICAB) e do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH), da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando como Bolsista de Pós-Doutoramento Capes/Fapes, junto ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGEL/UFES). Tem experiência nas áreas de Educação e Linguística Aplicada, com ênfase em Estudos Culturais, atuando principalmente nos seguintes temas: processo educacional formativo, indústria cultural, Teoria Crítica, literatura brasileira, Machado de Assis, história da arte, cultura hispânica, literatura espanhola e hispano-americana, teatro popular, análise do discurso, literatura de resistência, multiculturalismo, cultura e identidade, Pós-Colonialismo, estudos africanos, performances e comunidades tradicionais. Em 2013, participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior, Capes, realizando pesquisas junto ao Centro de Estudos Africanos do Instituto Universitário de Lisboa, Portugal.

feminicídio, descortina-se como uma constante na produção literária de mulheres latino-americanas. As narrativas de Conceição Evaristo, Diamela Eltit e Luisa Valenzuela trazem para as páginas da ficção dados que se reproduzem historicamente em rostos tumefeitos das mulheres vítimas da colonialidade de gênero em território latino-americano.

Nesse cronotopo, a sociedade brasileira contemporânea apresenta-se de forma negativa no cenário mundial, em termos de igualdade de gênero e da condição da mulher. O *Atlas da Violência*, em sua última edição, publicada em 2021, traz dados que compreendem estatísticas entre os anos de 2009 e 2019 e chama a atenção para o significativo aumento de mortes violentas por causa indeterminada no ano de 2019. Há indicativo para um retrocesso no tratamento dos dados, principalmente no que se refere à identificação do crime de feminicídio, em que a mulher é assassinada pelo fato de ser mulher (IPEA, 2021).

Tal categorização do crime de feminicídio é extremamente importante não apenas em função do agravo de pena, conforme estabelecido pela Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104), de 2015, mas também pela necessidade de se discutir as perversas implicações do patriarcado na sociedade contemporânea. Conforme aponta Segato (2006, p. 4), “Dentro de la teoría del feminicidio, el impulso de odio con relación a la mujer se explicó como consecuencia de la infracción a las dos leyes del patriarcado: la norma del control o posesión sobre el cuerpo femenino y la norma de la superioridad masculina.”

Dito, isto, os qualificadores de dados são importantes também para pensar em políticas públicas que atuem no enfrentamento da ideologia do patriarcado. Os dados brasileiros referentes à violência contra a mulher, em 2019, conforme o *Atlas da Violência*, apontam que 3737 mulheres foram assassinadas no Brasil.

Segundo dados do Núcleo de Estudos da Violência da USP, divulgados pelo Monitor da Violência do Portal G1,¹ deste total, 1330 crimes foram qualificados como feminicídio. Em 2021, foram 1340 casos de feminicídio. Em 2022, esse dado seguiu em crescimento, sendo identificadas 1410 mulheres mortas por sua condição feminina, em um total de 3930 mulheres assassinadas, o que equivale a dizer que, no Brasil, a cada 6 horas uma mulher é morta.

¹ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/brasil-registra-pico-de-feminicidios-em-2022-com-uma-vitima-a-cada-6-horas/>. Acesso em: 23 de março de 2023.

Se observarmos os dados referentes aos países que compõem a análise crítica de obras literárias, a saber, Chile e Argentina, os indicadores referentes à violência de gênero também são alarmantes. Na Argentina, em 2022, foram registradas 125.235 denúncias por violência de gênero na *Línea 144*, conforme dados divulgados pelo *Ministerio de las Mujeres, Géneros y Diversidad*.² Do total dos casos, tem-se que 96% das comunicantes de violência eram mulheres. A maior incidência de denúncias, 91% das queixas, corresponde à violência doméstica. Dentre os tipos de violência perpetrados por questões de gênero, a violência psicológica é a que mais se evidencia, estando presente em 94% dos registros e vindo, muitas vezes, acompanhada de outras formas de violência, como o exercício da violência física, relatada em 64% dos casos. De maneira semelhante aos dados brasileiros, observa-se que a maioria dos agressores são homens (86%), sendo estes, em geral, próximos às vítimas, como ex-parceiro (48%) ou parceiro atual (38%).

Em uma situação de desrespeito aos direitos humanos das mulheres, o feminicídio, entendido como um crime de poder perpetrado pelo patriarcado para controle, competição e redução do outro feminino (Segato, 2006), também se faz marcante na sociedade argentina. Em 2022, uma mulher foi assassinada no país a cada 29 horas, um total de 301 vítimas de violência machista, conforme dados do *Observatorio de Femicidios Adriana Marisel Zambrano*.³

No Chile, a prática de controle e exercício de poder sobre o corpo feminino, base sobre a qual se sustenta a ideologia do patriarcado, também deixa rastros de crueldade e morte. Segundo a legislação chilena (Lei nº 21.212) o feminicídio é entendido como:⁴

[...] el asesinato de una mujer ejecutado por quien es o ha sido su cónyuge o conviviente, o con quien tiene o ha tenido un hijo en común, en razón de tener o haber tenido con ella una relación de pareja de carácter sentimental o sexual sin convivencia. También se considera femicidio el asesinato de una mujer en razón de su género cuando la muerte se produzca en alguna de las siguientes circunstancias:

1. Ser consecuencia de la negativa a establecer con el autor una relación de carácter sentimental o sexual.

² Informe sobre violência de gênero disponível em: <https://www.argentina.gob.ar/generos/linea-144/datos-publicos-de-la-linea-144-2022>. Acesso em: 23 de março de 2023.

³ Conforme dados disponibilizados em: https://www.swissinfo.ch/spa/argentina-violencia-machista_argentina-cerr%C3%B3-2022-con-un-femicidio-cada-29-horas/48184346. Acesso em: 29 de março de 2023.

⁴ Dados disponíveis no site do Ministério da Mulher e da Equidade de Gênero do Governo do Chile: https://www.sernameg.gob.cl/?page_id=27084. Acesso em: 28 de março de 2023.

2. Ser consecuencia de que la víctima ejerza o haya ejercido la prostitución, u otra ocupación u oficio de carácter sexual.
3. Haberse cometido el delito tras haber ejercido contra la víctima cualquier forma de violencia sexual, sin perjuicio de lo dispuesto en el artículo 372bis.
4. Haberse realizado con motivo de la orientación sexual, identidad de género o expresión de género de la víctima.
5. Haberse cometido en cualquier tipo de situación en la que se den circunstancias de manifiesta subordinación por las relaciones desiguales de poder entre el agresor y la víctima, o motivada por una evidente intención de discriminación.

O Governo chileno disponibiliza dados sobre feminicídios consumados e frustrados, com estatísticas anuais desde o ano de 2008. Em um comparativo da última década, ou seja, de 2013 a 2023, o que se observa é uma relativa manutenção do número de feminicídios consumados, versando ao redor de 40 crimes anuais, sendo o ano de 2019 o mais violento, com um total de 46 crimes de ódio, frente a 43 casos em 2022. Quando falamos em feminicídio frustrado,⁵ observa-se uma escalada de números, sendo, em 2013, 78 casos, diante de 180 casos em 2022. O ano de 2023 já conta, em seus primeiros 4 meses, com 69 casos frustrados. Os números revelam que, em contexto chileno, a prática de desrespeito aos direitos humanos das mulheres segue a tendência de aumento, no entanto, a ação de acompanhamento a vítimas e protocolos e compromissos estatais vem atuando de modo a frustrar a efetivação do crime de feminicídio.

O governo chileno realiza, ainda, desde o ano de 2010, análises interseccionais quanto aos crimes de crueldade praticados contra as mulheres pela condição de serem mulheres. Os dados complexificam a análise a partir dos eixos de idade, nacionalidade, região onde vivem, perfil do agressor e armas utilizadas, visando a atuar preventivamente na situação de violência, bem como estabelecer apoio psicossocial às vítimas de violência de gênero. Para tanto, reúnem um esforço compartilhado entre governo, serviços de atenção, polícia e área médica.

No caso brasileiro, o que nos chama atenção é o fato de que as políticas públicas para prevenção da violência de gênero não chegam para todas, o que nos conduz à necessidade de pensar a questão a partir de uma episteme interseccional, conforme

⁵ O termo é definido pelo governo chileno, conforme o código penal chileno, artigo 7, inciso segundo, como: "Femicídio Frustrado: Cuando el hombre que ejerce violencia femicida, es decir hay intención/dolo de asesinar por razones de género a una mujer, poniendo de su parte todo lo necesario para que el femicidio se consuma, pero este no se verifica por causas independientes de su voluntad. Por ejemplo, un hombre ejerce violencia contra una mujer con la intención /dolo de asesinar a una mujer en el contexto o con ocasión de una agresión sexual, pero no logra concretar su acción porque los vecinos llaman a carabineros y estos interrumpen la acción" (Gobierno de Chile, 2022).

aponta Carla Akotirene (2019). Ou seja, para fazer frente à problemática da violência de gênero, é necessário conjugar gênero, raça e classe. Nesse sentido, enquanto metodologia, a interseccionalidade também se revela como importante instrumento de análise crítica das obras literárias de mulheres latino-americanas, para além de problematizar a conjuntura social da América Latina.

2 Interseccionalidade e colonialidade do ser

No caso do Brasil, em uma análise que compreende o período de 2009 a 2019, o que se observa é que, enquanto o número de mulheres não negras mortas caiu 26,9%, o número de vítimas negras sofreu incremento de 2% (IPEA, 2021). Em análise recente, o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (2022) traz números que confirmam a persistência desse processo de racialização da violência contra os corpos femininos. Em 2021, 62% das vítimas de feminicídio eram negras, no que se refere às demais mortes violentas intencionais, observa-se que 70,2% das mulheres eram negras.

Tais dados revelam a importância de problematizar em conjunto os eixos de raça, gênero e classe, notadamente em contexto brasileiro, em que a morte de mulheres negras e periféricas é uma realidade constante que perpassa as páginas literárias de escritoras afro-brasileiras, como Conceição Evaristo. No entanto, em uma análise em termos de América Latina, como a que se propõe neste estudo, é importante questionar o fato de o feminicídio de mulheres racializadas ser uma constante nas páginas da ficção e da história.

O debate sobre a interseccionalidade não é recente. Para além de Crenshaw (1991), Lélia Gonzales (2011), intelectual brasileira, em 1988, já propunha a discussão a partir de uma perspectiva afro-latino-americana, assinalando a importância de pensar a discriminação em dobro que pesava sobre as mulheres amefricanas e ameríndias, em função da desigualdade sexual e racial. A autora assinala que são essas as mulheres mais oprimidas e exploradas em um contexto capitalista, patriarcal, racista e dependente. A operação em conjunto desses fatores faz com que as diferenças sejam transformadas em desigualdades, de modo que a questão de classe se soma aos fatores de uma tripla opressão.

Somadas às discussões propostas por Lélia, Carla Akotirene (2019) afirma que a interseccionalidade, além de ser um conceito, é uma ferramenta teórica e

metodológica para romper com as epistemologias coloniais e, portanto, com a colonialidade do ser e do saber.⁶ Devemos, portanto, pensar em uma soma de opressões que operam juntas: gênero, raça e classe. São como avenidas de identidade que não correm paralelas, mas colidem o tempo todo, nas encruzilhadas. Em resumo, a autora apresenta o pensamento interseccional como:

O pensamento interseccional nos leva reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroborarmos com as violências. Nem toda mulher é branca, nem todo negro é homem, nem todas as mulheres são adultos heterossexuais, nem todo adulto heterossexual tem locomoção política, visto as geografias do colonialismo limitarem as capacidades humanas. [...] a interseccionalidade estimula o pensamento complexo, a criatividade e evita a produção de essencialismos. Recomenda-se, pela interseccionalidade, a articulação das clivagens identitárias, repetidas vezes reposicionadas pelos negros, mulheres, deficientes, para finalmente defender a identidade política contra a matriz de opressão colonialista, que sobrevive graças às engrenagens do racismo cisheteropatriarcal capitalista (Akotirene, 2019, p. 45).

Saffioti (2015) chama a atenção para os mais de três mil anos de dominação patriarcal, que também não é exclusividade da sociedade brasileira ou latino-americana. Faz parte de um processo de socialização que encontra força nas estruturas do modo de produção capitalista e no neoliberalismo, sendo muitas as causas. A divisão social do trabalho, baseada na divisão sexual do trabalho, é uma das formas de gerar lucros, mantendo as disparidades salariais baseadas nas questões de gênero.

O processo de colonização e a chegada às Américas de formas de organização social patriarcais, que envolviam não só a divisão sexual do trabalho, mas também

⁶ O termo colonialidade não se limita cronologicamente ao período do colonialismo na América-latina, mas aos mecanismos de reprodução de diferença e poder que persistem até a contemporaneidade e sobre os quais se articulou um processo de exploração e extermínio de populações com base em processos de classificação, racialização e hierarquização de populações. Tais fatores operavam em conjunto com a reprodução de estereótipos sustentados pela negação da humanidade a determinadas parcelas da população, conforme o que Aníbal Quijano entende como colonialidade do ser e do saber. Segundo o autor: “Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. [...] Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era passado e desse modo inferior, sempre primitivo” (Quijano, 2005, p. 127).

Catherine Walsh traz importantes discussões com relação às formas de colonilidade contra as quais se deve lutar no exercício da interculturalidade crítica, para tanto, em diálogo com Quijano, define que: “[...] la colonialidad es el patrón de poder que emerge en el contexto de la colonización europea en las Américas – ligado al capitalismo mundial y el control, dominación y subordinación de la población a través de la idea de raza –, que luego se naturaliza – en América Latina pero también en el planeta – como modelo de poder moderno y permanente” (Walsh, 2012, p. 66).

estruturas de dominação e subordinação do corpo feminino, atreladas à noção de propriedade, são determinantes para a problematização da realidade de mulheres latino-americanas. Segundo Françoise Vergès (2020, p. 35): “defender os feminismos de política decolonial hoje não é apenas arrancar a palavra ‘feminismo’ das mãos ávidas da oposição, carente de ideologias, mas também afirmar nossa fidelidade às lutas de mulheres do Sul global que nos precederam”. A escuta às ancestrais, por meio de arquivos e repertórios é determinante no entendimento da condição feminina na América Latina e no caminho de análise crítica a ser percorrido no trabalho com a literatura feminina latino-americana.

A Literatura, como arte, promove tais problematizações. Em conformidade com o pensamento de Benjamin (1985), afirma-se que a função da arte remete à reflexão, à historicidade e à criticidade. Logo, a Literatura pode assumir-se como experiência de autonomia frente às forças de alienação e opressão, conforme afirma Compagnon (2010).

Nesse caminho marcadamente interdisciplinar, realiza-se uma discussão da condição feminina na literatura latino-americana abordando a temática do feminicídio constante nas produções literárias de mulheres contemporâneas, em um diálogo com feminismos plurais e com teorias decoloniais.

3 Literatura e violência: o feminicídio e a pedagogia da crueldade

O crime de feminicídio, crime de ódio inserido no universo de crimes do patriarcado, no contexto latino-americano, conta com a severa lógica colonialista de descarte de corpos racializados. A construção discursiva e ideológica dessa lógica de vidas prescindíveis vincula-se a uma complexa rede de eliminação da humanidade de determinadas parcelas da população, no caso em questão, mulheres latino-americanas.

Nos estudos de Françoise Vergès, essa lógica não vem dissociada de um processo de colonialidade do saber. Para a autora, em uma perspectiva de luta política pelos direitos das mulheres do Sul Global, a desumanização de corpos racializados deve ser acompanhada por uma luta contra o epistemicídio e contra a invalidação de saberes e práticas sociais, uma vez que: “O sistema contra o qual lutamos relegou à inexistência saberes científicos, estéticos e categorias inteiras de seres humanos” (Vergès, 2020, p. 38). A negação da humanidade dessas populações é funcional a um

sistema de exploração e submissão, cuja ótica se reproduz interseccionalmente sobre corpos femininos racializados.

Rita Segato (2006) traz essa discussão para a redução do corpo feminino que, como território, opera na lógica de conquista e violação para exercício de controle e poder em favor de uma masculinidade que se pauta em um paradigma de agressividade, violência e competição sobre e com a vítima.

Em seu livro *Contra-pedagogías de la Crueldad*, a autora desenvolve a ideia de que, a partir de um pacto de masculinidade, com conivência de diferentes instituições, se estabelece e reproduz uma pedagogia da crueldade: “Llamo pedagogías de la crueldad a todos los actos y prácticas que enseñan, habitúan y programan a los sujetos a transmutar lo vivo y su vitalidad en cosas” (Segato, 2018, p. 11). A partir desse processo de reificação, a reprodução da violência produz o efeito de normalização e anestesia, que torna as pessoas insensíveis ao sofrimento alheio. Tal fato é observado na maneira como as personagens das obras literárias abordadas se comportam. A anestesia é representada pelo riso compulsivo de Augustín, em *Romance Negro com Argentinos*; pela espetacularização da morte de uma mulher grávida, em *Jamais o Fogo Nunca*; e pelo esgueirar de Negro Climério dentre velas após apagar a vida de Biliza. Cenas da ficção em que a transmutação da vitalidade à coisificação opera sobre os corpos femininos.

Tal lógica se reproduz de maneira articulada ao modo capitalista patriarcal, uma vez que o processo de coisificação, desproteção, precariedade e diminuição da empatia que sustentam a pedagogia da crueldade são fundamentais à exploração predatória do capital. Nesse sentido, as relações de gênero se inserem em contexto mais amplo, em um projeto histórico, em que as relações humanas se produzem e reproduzem em circunstâncias específicas. Nesse sentido, o contexto latino-americano não pode vir dissociado da crítica a práticas coloniais de reprodução de diferenças e exercício de poder, a que se somam condições de produção marcadas por processos escravistas que deixam profundas cicatrizes nas páginas da história brasileira e das narrativas de Conceição Evaristo. Também as marcas e traumas de regimes ditatoriais deixam fortes rastros de crueldade nas literaturas de mulheres latino-americanas, como Luisa Valenzuela e Diamela Eltit.

A história de Biliza-Estrela, mulher-dama das páginas de *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo, é a representação da disputa de territórios sustentada pela prática sistêmica de violência e colonialidade, em que o corpo feminino desprotegido

e exposto à lógica de exploração capitalista e patriarcal é ocupado, controlado e reduzido à condição de coisa, matéria descartável a ser consumida pelo mandato da masculinidade. Vejamos o relato de sua morte:

Ao se aproximar do casarão, Luandi cruzou com Negro Climério. O homem, ao avistá-lo, abaixou a cabeça e apressou o passo como se quisesse correr. Do casarão alguém chamava por Luandi com gestos aflitos, enquanto da janela de Biliza outros acenavam para ele e para Negro Climério. Luandi não entendia nada, mas pressentiu que alguma coisa estava acontecendo. Olhou para trás, Negro Climério já havia desaparecido. Devia ter corrido antes mesmo de dobrar a esquina. Luandi correu em direção oposta, alcançando a porta do casarão. Num segundo estava no quarto de Biliza. E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver a sua Biliza-estrela, toda ensangüentada, se apagando.

Negro Climério havia matado a moça. Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afinco o seu enxoval. Luandi tremia. Negro Climério havia matado sua Biliza-estrela. Matou a mulher! Matou a sua mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz. Não, não era verdade! Negro Climério era perigoso mesmo. Biliza já havia dito, mas ele nunca acreditou que o homem tivesse a tamanha covardia de atentar contra ela. A noite que ela trazia no peito haveria de se tornar mais noite ainda.

[...] O que lhe importava naquele momento era que a sua Biliza-estrela tinha se apagado (Evaristo, 2018, p. 97-98).

Publicado em 2003, *Ponciá Vicêncio* carrega em suas páginas o trauma de séculos de violência sistêmica perpetrada contra o povo negro em uma sociedade em que o racismo estrutural se reproduz com base em estruturas econômicas, políticas e sociais. Na cena, a lógica de propriedade e território sobre o corpo de Biliza se aplica com lirismo e crueldade. O apagar da vida de Biliza veio como crime de ódio pela perda da posse de seu corpo por Negro Climério. Biliza e Luandi iam se casar. Ela deixaria o ofício da prostituição que reificava e comercializava seu corpo, mas não sua subjetividade. Em um contexto de miséria e violência, a vida de Biliza traz o cruzamento interseccional de múltiplas formas de opressão: subordinação patriarcal, discriminação e exclusão social, em uma histórica relação entre colonialismo e racismo. Relação esta sustentada por diferenças que são transformadas em desigualdade e opressão.

Biliza juntou-se às outras tantas mulheres negras mortas pelo fato de serem mulheres, mulheres e negras, mulheres, negras e em situação de vulnerabilidade social. Conceição Evaristo pontua sua escrita como uma escrita simultaneamente individual e coletiva, exatamente por trazer o corpo-escrita de mulher, negra e periférica. Esse corpo é uma das bases de sua “escrevivência”, que inscreve a experiência, a condição e a subjetividade hifenizada afro-brasileira. Segundo

Conceição Evaristo (2020, p. 11): “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. Desse modo, a enunciação da violência e da dor surge como contra-narrativa, como denúncia e resistência à opressão. Nesse sentido, articula-se também como um posicionamento quanto a formas multidimensionais de opressão.

Passemos agora ao romance chileno de Diamela Eltit:

Mas justo na rua oposta ao percurso do ônibus, numa casa distante que poderia ser considerada até periférica, a mulher grávida não consegue resistir à primeira paulada na cabeça e cai no chão da cozinha. A paulada na cabeça a entontece: sua força e seu ruído seco, ósseo. Entende que precisa se erguer, se levantar sobre os dois pés e tentar fugir, fazer isso já, ficar de pé, mas simultaneamente entende que o pau vai voltar a arremeter uma e outra vez, de maneira desordenada sobre seu corpo, a cabeça, as costelas, a perna, um pé e o braço.

Quebrou suas duas mãos.

Desta vez vai matá-la, um crime passional, mais um, o meu, exatamente neste dia e, quando passarem não mais de sete minutos, estará inanimada no chão da cozinha. Ela sabe. Sente que tem minutos de vida porque a paulada na cabeça ou, seria preciso dizer, as pauladas na cabeça foram realmente letais. Vai morrer de uma determinada maneira, os jornais noturnos vão dar conta de sua conexão com uma máquina que não vai reanimá-la, só estará ali para consolidar seu fim, seu cérebro morto. Com uma censura ou um pudor parcial, as notícias mostrarão só uma parte ínfima das feridas, proibirão sua cabeça, e o cabelo encharcado de sangue, cabelo pegajoso. A última coisa, verdadeiramente a última coisa que chegou a pensar a mulher (talvez fosse só uma palavra) era uma ordem, pare, pare. Depois nada. Tudo deixou de significar, não esteve. Seu rosto não desfigurado, não, mas sim muito alterado e tumefeito, histórico. Como sua bochecha, o pômulo fraturado. Como eu” (Eltit, 2017, p. 147-148).⁷

Publicado em 2007, o romance *Jamais o Fogo Nunca* traz em suas páginas a angústia devastadora e o trauma de sobreviventes da ditadura chilena em contexto

⁷ Para este trabalho, foi utilizada a edição brasileira, publicada pela Relicário Edições, em 2017. Na edição em língua espanhola, publicada em 2012, pela Editorial Periférica, lê-se:

“Pero justo en la calle opuesta al recorrido del bus, en una casa alejada que podría ser considerada incluso periférica, la mujer embarazada no logra resistir el primer palo en la cabeza y cae sobre el suelo de la cocina. El palo en la cabeza la marea: su fuerza y el sonido seco, óseo. Comprende que debe erguirse, levantarse sobre sus dos pies e intentar huir, hacerlo ya, pararse, pero simultáneamente entiende que el palo volverá a caer una y otra vez, de manera desordenada sobre su cuerpo, la cabeza, las costillas, la pierna, un pie y el brazo.

Le quebró las dos manos.

Esta vez sí la va a matar, un crimen pasional, uno más, el mío, exactamente en este día y cuando pasen no más de siete minutos estará exánime en el suelo de la cocina. Ella lo sabe. Siente que tiene minutos de vida porque el palo en la cabeza o, habría que decir, los palos en la cabeza fueron realmente letales. Va a morir de una determinada manera, los noticieros nocturnos darán cuenta de su conexión a una máquina que no la reanimará, solo estará allí para consolidar su fin, su cerebro muerto. Con una censura o un pudor parcial, las noticias mostrarán sólo una parte ínfima de las heridas, prohibirán su cabeza, y el pelo empapado en sangre, un pelo pegajoso. Lo último, verdaderamente lo último que alcanzó a pensar la mujer (quizás fuera sólo una palabra) correspondía a una orden, párate, párate. Después nada. Todo dejó de significar, no estuvo. Su cara no desfigurada, no, pero sí muy alterada o tumefacta, histórica. Como tu mejilla, el pómulo fracturado. Como yo” (Eltit, 2012, p. 185-186).

de clandestinidade. Em meio ao ambiente claustrofóbico e cruel diante da necessidade de inexistência, um jovem casal insiste em sobreviver. Nos poucos momentos de vagueio pela cidade, a protagonista lida com frames de uma sociedade perdida na temporalidade alienada da submissão imposta pela opressão: “Já passou um século. Não, não, você me diz, não um século, muito mais, mais.” (Eltit, 2017, p. 19).

Nesse entrelugar temporal de violência, a diferença e o exercício de poder se reproduzem historicamente sobre corpos subalternizados em contexto latino-americano. A ruptura do silêncio se dá por uma narração feminina, em primeira pessoa, íntima, angustiada e, muitas vezes, sufocada pelo exercício da opressão que tenta subjugar-la, desacreditá-la a todo o momento, seja no contexto das reuniões do partido, seja no quarto clandestino, a violência machista tenta, mas não consegue exercer o silenciar pleno da narradora.

Essa voz perturbadora rompe o silêncio da violência física e simbólica e narra em um espaço-tempo imaterial a crueldade e o ódio impostos ao corpo de mais uma de tantas mulheres vítimas de feminicídio. No percurso do ônibus, como frames de uma câmera em travelling, na rua oposta, descortina-se a cena brutal da morte de uma mulher grávida, no interior de sua casa, local onde ocorre grande parte das mortes de mulheres. Em um tom seco e ósseo como o ruído das pauladas que acometem a vítima, a narradora traz os detalhes da violência sofrida por essa terceira pessoa em que se reconhece (“mais um, o meu”, “como eu”). Ressalta-se a impotência diante da dor e da violência na metonímia cruel das “mãos quebradas” que a conduzem para a morte.

Em ambos os relatos, de Conceição e Diamela, a morte das mulheres surge como espetáculo nas notícias de jornal ou como matéria aos olhos curiosos dos passantes das ruas. O tratamento humanizado dessas mulheres-estrelas chama-nos a ocupar nosso lugar, fundir-nos em seus corpos, histórias e traumas, compartilhar empaticamente o trauma e a violência para não transitar passivamente pela realidade vivida na América Latina. Nesse sentido, o fragmento “Seu rosto não desfigurado, não, mas sim muito alterado e tumefeito, **histórico**” é extremamente representativo de um processo que não é novo. É institucionalizado a partir da colonialidade do poder, do ser e do saber. Trata-se do que María Lugones (2010) chama de dupla negação de nossa condição de existência, uma vez que os sujeitos (homens) colonizados seriam

não humanos, por não ser homens, enquanto as mulheres seriam duplamente não humanas por ser não homens.

Aquí comienzo a proveer una manera de comprender la opresión de mujeres que han sido subalternizadas a través de procesos combinados de racialización, colonización, explotación capitalista, y heterosexualismo. [...] Le llamo al análisis de la opresión de género racializada y capitalista, “la colonialidad del género”. Le llamo a la posibilidad de vencer la colonialidad del género “feminismo descolonial”. [...] Más bien, el proceso de colonización inventó a los colonizados e intentó su plena reducción a seres primitivos, menos que humanos, poseídos satánicamente, infantiles, agresivamente sexuales, y en necesidad de transformación (Lugones, 2010, p. 110).

A negação absoluta desses sujeitos, ou melhor, dessas mulheres leva-se a cabo nas páginas de *Romance Negro com Argentinos*, de Luisa Valenzuela, em que, uma vez mais, nos deparamos com uma cena de feminicídio:

Um belo corpo de mulher, o outro. Uma jovem atriz desempenhando agora seu papel de morta, jogada sobre o tapete de seu próprio quarto, com um buraco na têmpora, talvez já dessangrada. Certamente. Ele não fora capaz de baixar os olhos para olhá-la. Somente ouviu o estouro tão inesperado desse tiro que ainda ressoava na sua cabeça. Na dele. Mais uma explosão na cidade explosiva. Um tiro quase à queima-roupa, porque não se pode pedir a um vinte e dois que mate de longe. Pedir-lhe que mate? E por quê? Ainda mais essa mulher que não lhe fizera mal algum, antes parecia disposta a lhe fazer todo o bem do mundo.

Matara uma desconhecida porque sim, sem o menor motivo. Algo inconcebível. Dava até uma vontade danada de rir, esteve a ponto de fazê-lo e, sem querer, simplesmente riu. O riso foi emanando sem controle, uma gargalhada interminável, finita no início, crescendo em labaredas como um fogo que se expande pelo bosque e devora as árvores de uma só vez e vai reduzindo tudo a cinzas. Gargalhadas de carvão que também o tiznavam, debilitando-o, as pernas transformadas em trapos, cedendo sob o peso do corpo, e o frio da noite lacerando seus pulmões ao aspirar uma nova baforada de ar que lhe permitia continuar rindo loucamente.

O desespero fez com que chorasse. O desespero e o riso e a dor que sentia por essa pobre mulher que acabara de matar e sentia também por si mesmo, pois com essa morte gratuita ele também morria um pouco. Ou morria de vez. Na cadeira elétrica (Valenzuela, 2001, p. 11-12).⁸

⁸ Para este trabalho, foi utilizada a edição brasileira, publicada por Rios Ambiciosos / Autêntica, em 2001. Na edição em língua espanhola, publicada em 2016, pelo Fondo de Cultura Económica, lê-se: “Un bello cuerpo de mujer, el otro. Una joven actriz actuando ahora su papel de muerta, tirada sobre la alfombra de su propio dormitorio, con un agujero en la sien, quizá ya desangrada. Seguro. Él no había podido bajar los ojos para mirarla. Solo oyó el estampido tan inesperado de ese tiro que todavía le retumbaba en la cabeza. A él. Una explosión más en la ciudad explosiva, un tiro casi a quemarropa porque no se le puede pedir a un 22 que mate de lejos. ¿Pedirle que mate? ¿Y por qué? Sobre todo a esa mujer que no le había hecho nada malo, más bien parecía dispuesta a hacerle todo el bien del mundo.

Había matado a una desconocida porque sí, sin el menor motivo. Algo inconcebible. Si hasta daban unas ganas locas de reírse, y estuvo a punto de hacerlo y sin querer se rió no más. La risa le fue manando sin control, una carcajada interminable, finita en un principio, creciendo en llamaradas como un fuego que se expande por el bosque y devora los árboles de un chasquido y lo va calcinando todo. Carcajadas de carbón que lo tiznaban también a él, debilitándolo, las piernas convertidas en trapos,

O desrespeito à vida humana começa pela indiferença com relação ao outro, “Um belo corpo de mulher, o outro”; o que caracterizaria, conforme os estudos de Rita Segato (2006, p. 4): “estos crímenes de reducción del otro femenino”. Neste romance, publicado em 1990, dois argentinos, Agustín Palant e Roberta Aguilar, exilados em Nova York são assombrados a todo o momento pelo trauma da ditadura, pela violência que os engendra e pela constante sensação de perseguição e suspeita. Sentidos e sentimentos que se materializam no assassinato da jovem atriz Edwina Irving.

A cena de feminicídio abre o romance, não como narrativa policial, uma vez que o assassino é conhecido, mas em uma busca de entender os motivos que o levaram à execução de tal crueldade e, a partir de então, tentar encontrar-se enquanto sujeito e autor, dado que o personagem Augustin é escritor. O crime, a tortura e a morte constituem a memória histórica dos personagens argentinos, em um jogo entre realidade e ficção que explode em violência, nunca justificada, nem justificável. Em meio à dor e à memória, Agustín tenta recompor o mosaico de fragmentos formados pela cena do crime e por estilhaços do passado durante a ditadura argentina: “Lembranças como cadáveres que são como lembranças, e alguém abra suas barrigas para que afundassem e alguém os jogara talvez ainda vivos dos helicópteros do exército, e a gente não queria, não quer saber dessas lembranças” (Valenzuela, 2001, p. 170).

O fragmento que contém a morte de Edwina revela toda a banalidade do mal, do riso descontrolado diante da vida desse outro corpo-território a ser subjugado. Trata-se da reprodução de atos violentos cristalizados por marcas de violência e tortura, herdeiros da colonialidade, assolados pela ditadura, transmitidos secularmente e instalados historicamente sobre o corpo feminino. Rita Segato reflete sobre o caráter de automatismo com que a prática da violência e de crimes do patriarcado se estrutura e reproduz na sociedade, comparando-a a uma espécie de linguagem, que tem na normalização a base de sua difusão. Segundo a autora:

En su dimensión expresiva, los actos violentos se comportan como una lengua capaz de funcionar eficazmente para los que la entienden, aun cuando no participen directamente en la acción enunciativa. Es por eso que, cuando un sistema de comunicación con un alfabeto violento se instala, es muy difícil

cediendo bajo el peso del cuerpo, y el frío de la noche lacerándole los pulmones al aspirar una nueva bocanada de aire que le permitía seguir riendo como loco.

La desesperación le hizo soltar las lágrimas. La desesperación y la risa y el dolor que sentía por esa pobre mujer a quien acababa de matar, y sentía también por sí mismo, pues con esa muerte gratuita moría a su vez un poco. O moriría del todo. En la silla eléctrica” (Valenzuela, 2016, p. 13-14).

desinstalarlo, eliminarlo. La violencia constituida y cristalizada en forma de sistema de comunicación se transforma en un lenguaje estable y pasa a comportarse con el casi-automatismo de cualquier idioma (Segato, 2006, p. 7).

As reflexões de Segato, ao debater e tipificar o feminicídio, parecem relevantes em sua comparação não apenas com o corpo-território a ser ocupado, mas também com relação a uma gramática que se cristaliza e transmite em contexto latino-americano.

Sempre marcadas por essa gramática, as vidas das personagens femininas vitimadas pelo crime do patriarcado chamam a atenção para a necessidade de interrupção desse ciclo de violência sistêmica. Herdeiras de processos históricos marcados por atrocidades, como a escravidão e o decorrente racismo estrutural, no caso de Biliza; como as ditaduras, nos casos da jovem grávida e de Edwina; as mulheres, vítimas dos crimes de feminicídio nas obras em questão, desnudam a gramática da crueldade imposta pela colonialidade do poder, do ser, do saber e do viver.

4 Literatura, resistência e contra-pedagogias da crueldade

A literatura produzida por mulheres latino-americanas na contemporaneidade emerge de um contexto marcado por processos históricos de violência sistêmica, com forte clivagem de raça, gênero e classe. Em uma situação de crueldade generalizada, com elevadas taxas de crimes de exercício do poder patriarcal contra os corpos femininos, as três obras literárias aqui contempladas refletem os rastros dessa pedagogia da crueldade a partir de três emblemáticas cenas de feminicídio.

A enunciação desses crimes, como denúncia e possibilidade de retorno à humanidade dessas mulheres (por seus pensamentos, sentimentos, medos e angústias, ainda que em breves fragmentos de sondagem psicológica), apresenta-se como possibilidade de diálogo e problematização quanto à condição feminina na América Latina. Nesse sentido, a literatura de mulheres latino-americanas atua como forma possível de contra-pedagogia da crueldade, nos termos em que define Rita Segato (2018), uma vez que se posiciona contra o mandato da masculinidade, a baixa empatia, a crueldade, a insensibilidade e a limitada vincularidade entre os seres, na forma de denúncia ou protesto.

Três países, Brasil, Chile e Argentina; três mulheres, personagens nominadas ou não; três autoras, Conceição, Diamela e Luisa. Histórias e traumas compartilhados e inscritos pela colonialidade, por ditaduras, exploração, violação e crueldades. Nas veias abertas da América Latina, a voz de mulheres potentes, marcadas pela colonialidade do poder e pela ideologia do patriarcado, enunciam lutas, dores, traumas e (re)existem.

A denúncia inscreve narrativas de resistência que rompem o silêncio e tornam públicas histórias privadas, ao mesmo tempo, individuais e coletivas, em uma escrita-corpo-voz de si, de nós. Nessas narrativas, ficção e realidade fundem-se e hibridizam-se, fazendo emergir a crueldade a que estão expostas mulheres racializadas latino-americanas, em cujos corpos historicamente tumefeitos se inscreve a violência. A voz literária faz-se, assim, testemunho da crueldade secularmente reproduzida.

A ruptura do silêncio é um chamado ao questionamento da perversa lógica colonial, capitalista e patriarcal. Tratar do feminicídio, crime de ódio imposto ao outro como território, para além da denúncia, é também a restituição da humanidade obliterada, fazendo frente a processos de coisificação que transmutam a vida de mulheres em objetos descartáveis.

Não somos territórios a ser ocupados. Em uma contra-pedagogia da crueldade, as vozes femininas latino-americanas resistem e contestam espaços de cultura e poder, ainda que em um tempo difuso e espiralar, como nos pontua liricamente a personagem Nêgua Kainda:

Para que desafiar o tempo, aconselha a Velha, com a sua voz sussurro, feita mais de silêncios falantes do que de sons. (...) A gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver (Evaristo, 2018, p. 91).

Tempo que se atualiza e anuncia o porvir, esperemos que mais justo, a partir de modos de viver e conviver pautados na empatia e no olhar sensível para si e para o outro, em um movimento contínuo de escuta e respeito. Ainda que seja dura a terra, desabrochemos!

VIOLENCE AND PATRIARCHY AS A LITERARY FACES OF A PEDAGOGY OF CRUELTY IN LATIN AMERICA

Abstract: This paper aims to discuss, based on decolonial criticism, the marks of patriarchal violence bequeathed by the colonial process as a constant in the works of Latin American writers. To this end, we intend to undertake the analysis of the representation of femicide in three literary works by contemporary authors: *Ponciá Vicêncio*, by Conceição Evaristo; *Black Romance with Argentines*, by Luisa Valenzuela; and *Never Fire Never*, by Diamela Eltit. A critical reading of the works demonstrates that the violence exerted on the female body since the conquest process has decisively affected the marks of a pedagogy of cruelty (Segato, 2018) that reverberates in the reproduction of gender violence in the socio-cultural context of Latin America. The work has theoretical support from decolonial political feminisms (Vergès, 2020) and indicates that Latin American women's literature acts as a possible form of counter-pedagogy of cruelty, in the form of denunciation or protest.

Keywords: Gender violence. Femicide. Patriarchy. Decoloniality. Latin American Women's Literature.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENJAMIN, W. Magia e Técnica, Arte Política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. In: *Obras Escolhidas*. v.1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BUENO, Samira; LIMA, Renato Sérgio de (org.). *Anuário Brasileiro de Segurança Pública*. São Paulo: Oficina 22, 2022.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRENSHAW, Kimberle. Mapping the Margins: intersectionality, identity politics and violence against women of colour. *Stanford Law Review*, v. 43, jul. 1991, p. 1241-1299. Disponível em: [mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf](https://www.stanford.edu/~crenshaw1/mapping-the-margins-intersectionality-identity-politics-and-violence-against-women-of-color-kimberle-crenshaw1.pdf) (wordpress.com). Acesso em: 28 set. 2022.

ELTIT, Diamela. *Jamás el Fuego Nunca*. España: Editorial Periférica, 2012.

ELTIT, Diamela. *Jamais o Fogo Nunca*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus Subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES Isabella Rosado (Orgs.). *Escrivência: a escrita de nós – reflexões*

sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.

GOBIERNO DE CHILE. *Informe Anual – 2021*. Chile: Circuito Interseccional de Femicídio, 2022.

GONZALES, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano. *In: Caderno de Formação Política do Círculo Palmarino*, n. 1, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375002/mod_resource/content/0/caderno-de-forma%C3%A7%C3%A3o-do-CP_1.pdf. Acesso em: 17 out. 2022.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (org.) *Atlas da Violência 2019*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2021.

LUGONES, María. Hacia un Feminismo Descolonial. *Hypatia*, v. 25, n. 4, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SEGATO, Rita. Que es un Femicídio. Notas para um debate emergente. *Revista Mora*. Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género, Universidad de Buenos Aires, n. 12, 2006.

SEGATO, Rita. *Contra-pedagogías de la Crueldad*. 1. ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

VALENZUELA, Luisa. *Romance Negro com Argentinos*. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Rios Ambiciosos; Autêntica, 2001.

VALENZUELA, Luisa. *Novela negra con argentinos*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2016.

VERGÈS, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. *Visão Global*, Joaçaba, v. 15, n. 1-2, p. 61-74, jan./dez. 2012.

Recebido em 30/04/2023

Aceito em 27/11/2023

Publicado em 30/11/2023